

# PETRARCA E AS METÁFORAS ANIMAIS COMO RECURSO VEXATÓRIO

BIANCA FANELLI MORGANTI

Universidade Federal de São Paulo

*Resumo.* Ao longo dos quatro livros das *Invective contra medicum*, Petrarca emprega uma ampla gama de metáforas animais a fim de denegrir seu adversário. A obra, escrita entre os anos de 1352 e 1355, foi, de acordo com o poeta, destinada a um anônimo médico da corte papal de Clemente VI e era uma resposta ao violento ataque que lhe fora desferido por este homem, que parece ter ficado ofendido com algumas afirmações feitas por Petrarca em uma carta enviada ao papa pouco tempo antes. Por intermédio de duras críticas à dialética, estas invectivas promovem um ataque ainda mais forte contra a “mecânica” arte da medicina, que encerra, por sua vez, uma mais ampla batalha contra um numeroso conjunto de intelectuais reunidos pelo poeta no grupo dos *magistri artium* dos mais renomados centros escolásticos de sua época. A linguagem crua e violenta destas invectivas é pressuposta pelas convenções do gênero e são tomadas dos seus modelos, latinos e cristãos, manifestamente evocados por Petrarca. O poeta não poupa seu adversário de um ataque pessoal, e o compara com um ávido cão incapaz de controlar seus apetites, tal como mencionado por Sêneca em uma carta a Lucílio. Numa evocação às *Verrinas* de Cícero, o médico é então descrito como um porco, e é também representado como um asno saído do livro de Apuleio. Também as Sagradas Escrituras fornecem a ele um amplo repertório de imagens bestiais, como a da traiçoeira e venenosa cobra ou a da mal-cheirosa poupa que se alimenta de excrementos e restos humanos. Dessa maneira, Petrarca mobiliza um largo bestiário para reprovar o estilo de vida do médico, seus hábitos e práticas, e assim denegrir a sua imagem. Inversamente, o poeta compara a si próprio com um animal uma única vez, o leão, num esforço manifesto de produzir uma imagem positiva do orador, contraposta àquela do médico. Sob a alegoria desses símiles vexatórios, Petrarca pressupõe todo um sistema de sentidos consolidado por um extenso e difundido costume poético, e cristalizado por um vasto conjunto de comentários e exegeses. Este artigo pretende perseguir essas comparações vituperativas, os sentidos implicados nessas metáforas para a prática do discurso petrarquista e, mais especificamente, para a economia argumentativa dessas invectivas contra o médico do Papa.

*Palavras-chave.* Petrarca, invectivas, metáforas, bestiário, retórica, vitupério.

POETA LAUREADO NO CAMPIDOGLIO ROMANO, FRANCESCO PETRARCA EMPENHARA-SE, COMO É NOTÓRIO, NA REELABORAÇÃO DA PRODUÇÃO LETRADA DA ROMA ANTIGA. CÍCERO, AUTOR APRECIADÍSSIMO PELO POETA, OFERECERAM-LHE GRANDE PARTE DO

arsenal necessário para as suas composições polêmicas, das quais as *Invec-tive contra medicum* são o primeiro exemplar.<sup>1</sup> O exército de autoridades mobilizado por Petrarca é ainda ampliado graças a outros grandes modelos de discurso de vitupério, como as invectivas escritas por São Jerônimo e Rufino e aquelas que o poeta acreditava terem sido trocadas entre Cícero e Salústio.<sup>2</sup>

Como se sabe, parte significativa das tópicas e dos preceitos ensinados pela *Retórica* de Aristóteles para o louvor e a censura, assim como a divisão da arte em três gêneros, são encontrados também nas retóricas latinas.<sup>3</sup> O manual de autoria incerta, intitulado *Rhetorica ad Herennium*, por exemplo, fornece, como já havia feito antes Aristóteles, uma grande lista de tópicos sobre os quais se fundam a *laus* (o louvor) e a *vituperatio* (o vitupério), e esses lugares são dispostos em três grupos: (1) os referentes às circunstâncias externas (*res externa*), como a ascendência (*genus*), a educação (*educatio*), a influência (*potestas*), a cidade de origem (*civitas*), a amizade (*amicitia*) e seus opostos;<sup>4</sup> (2) os referentes aos atributos físicos (*corpus*), como a velocidade (*velocitas*), a força (*vires*), a dignidade (*dignitas*), a coragem (*valetudo*) e seus contrários;<sup>5</sup> (3) e, por fim, aqueles referentes ao caráter (*animus*), como a prudência (*prudentia*), a justiça (*iustitia*), a fortaleza (*fortitudo*) e a moderação (*modestia*) atribuídos ao objeto de louvor, e seus contrários (*audacia*, *crudelitas*, *impudicitia*, *amentia* e *libido*), frequentemente encontrados pelo orador nos seus adversários. A partir dessas tópicas, arranjadas das mais diversas maneiras, são então organizados os discursos de elogio ou de censura. Como é manifesto também no exemplo petrarquista, a *ethopoía*, ou descrição de caracteres, é, portanto, um dos

<sup>1</sup> Petrarca refere expressamente alguns discursos forenses de Cícero, como o *In Vatinius*, o *In Pisonem*, o *Pro Archia* e o *Pro Ligario*, além das *Catilinariae*, citadas pelo título de *Invec-tive*, e das invectivas espúrias que supunha existir entre Cícero e Salústio. Também o *De Inventione* e a *Rhetorica ad Herennium*, atribuída a Cícero nos tempos de Petrarca, eram amplamente conhecidos pelo poeta. Como se sabe, o *De Oratore* e o *Orator* eram, naquele momento, obras pouco difundidas e conhecidas apenas em versões mutiladas. O *Brutus* era totalmente desconhecido, tendo sido descoberto em 1421, por Gerardo Landriani, juntamente com manuscritos contendo o texto completo do *Orator* e do *De Oratore*. A esse respeito, cf. Sabbadini 1967, 100; e Kennedy 1999, 230.

<sup>2</sup> Para se referir aos discursos de vitupério, os latinos raramente usavam o substantivo *invec-tio*, empregavam mais comumente os termos *vituperatio* e *maledictum*. O verbo *inveho*, contudo, era frequentemente usado para descrever a injúria retórica. Cf. Merrill 1975, 5.

<sup>3</sup> Cf. Cícero, *De Inventione* 2.177–8; *Ad Herennium* 3.10; Quintiliano, *Institutio Oratoria* 3.4.1–10.

<sup>4</sup> Cf. Merrill 1975, 6: “If one were on attack, it was possible to object to the low birth (*genus*): Cicero’s father was a fuller; *educatio*: Cicero makes much of the inferior Sicilian education of Caecilius, who had wished to prosecute Verres; *potestas*: Clodius’ debts; *civitas*: Piso came from Gallia comata; *amicitia*: friendship with known enemies of the state (Catiline) or scorta and lenones”.

<sup>5</sup> Cf. *Ibid.*, 7: “Piso was ugly; Vatinius had boils; physical weakness would be criticized by saying that one’s opponent was carried instead of riding”.

recursos mais significativos para o orador que pretenda, com sucesso, elogiar ou reprovar.<sup>6</sup>

De posse de todo esse arsenal discursivo, Petrarca vai ao campo de batalha aparentemente para combater um médico da comitiva do Papa Clemente VI. Trata-se, como se sabe, da alegoria de um combate mais amplo contra os investigadores das ciências naturais e da lógica, e contra o crescente entusiasmo que esses intelectuais mostravam pela *Metafísica* e pelo *Órganon* de Aristóteles. Visando censurar o modelo de sábio (*sapiens*) proposto por seu adversário e pelos partidários da chamada *logica modernorum*, Petrarca recorre de modo mais intenso aos elementos que, num discurso, se referem ao caráter da pessoa ou, em outras palavras, àqueles que dizem respeito às qualidades morais do adversário. Assim, essas invectivas promovem, por intermédio de uma dura crítica à “mecânica” arte da medicina, um ataque à dialética que, por sua vez, desvela um combate mais amplo travado contra diversos intelectuais propositadamente reunidos por Petrarca, apesar de suas evidentes idiosincrasias, no indistinto grupo dos *magistri artium* de Oxford e Paris.<sup>7</sup> Mais do que qualquer demonstração aristotélica, a Petrarca interessavam os *exempla* e as *auctoritates*,<sup>8</sup> e, com base nisso, empenha-se em

<sup>6</sup> Cf. *Ad Herennium* 4.65: “Huiusmodi notationes, quae describunt, quod consentaneum sit unius cuiusque naturae, vehementer habent magnam delectationem: totam enim naturam cuiuspiam ponunt ante oculos, aut gloriosi, ut nos exempli causa coeperamus, aut invidi aut tumidi aut avari, ambitiosi, amatoris, luxuriosi, furis, quadruplatoris; denique cuius vis studium protrahi potest in medium tali notatione.” (“Deste modo, as observações que descrevem aquilo que é conveniente à natureza de cada um são extremamente prazerosas: pois colocam diante dos olhos toda a natureza de uma pessoa, seja de um fanfarrão, como nós tínhamos tomado à guisa de exemplo, seja de um preconceituoso, ou presunçoso, ou avaro, ambicioso, dissoluto, luxurioso, ladrão, delator; enfim, por meio deste tipo de descrição é possível expor as disposições de qualquer um.”). Salvo indicação, as traduções apresentadas neste artigo são de minha autoria.

<sup>7</sup> Sobre isso, cf. Garin 1960, Bausi 2006, Gilson 2001.

<sup>8</sup> Segundo Agostinho, no *De Doctrina Christiana*, a retórica cristã, cujo fim é instruir e mover - tanto um auditório popular e iletrado quanto um auditório sofisticado e erudito - deriva suas provas, sobretudo, das autoridades consagradas pelo costume, dos *exempla* e da autoridade moral do orador, de modo que não é atribuído à argumentação dedutiva o papel de maior força persuasiva previsto pela retórica aristotélica. Sobre as diferenças no uso dos argumentos e provas na retórica aristotélica e na retórica cristã, cf. Kennedy 1999, 181: “...matters of style play a greater role than does invention in Augustine’s account of Christian rhetoric. The fourth book of *On Christian Learning* helped to canonize the view that rhetoric is largely a matter of style. Even Christian exegesis is more strongly influenced by the factor of style than by reasoning, since much exegesis involves the interpretation of figurative signs”. E sobre o peso do entimema na retórica aristotélica, cf. *ibid.*, 84: “Aristotle seems to have thought that though argumentation in rhetoric, as in dialectic, rested in large part on the use of syllogisms, it was desirable to call rhetorical arguments by a different name to suggest the less rigorous logical context of oratory. Enthymemes are certainly reducible to syllogistic argument but are not usually presented as a formal argument. In particular, the orator often suppresses one of the premises (Rhetoric 1. 2. 13)”. Adotando a perspectiva da retórica cristã, Petrarca não só atribui maior peso às provas patéticas e mostra pouco interesse pelo silogismo retórico, mas também, na batalha que vê ser travada entre a *retórica* e a *lógica* no seio da escolástica, defende a supremacia dos *exempla* e das *auctoritates* sobre a *apodeixis*

ressaltar as características éticas e intelectivas do seu oponente, atacando o seu modo de vida, a sua ocupação e, por fim, os seus supostos argumentos.<sup>9</sup>

A partir da personagem censurada, Petrarca nos apresenta, como num espelho invertido, a figura do homem de letras representada por ele. Propondo a si próprio como um excelente digno de encômio, o poeta constrói seu *ethos* virtuoso em evidente contraste com aquele vicioso do seu adversário. É característico dos discursos ciceronianos esse uso intenso do *ethos*; nota-se nas peças oratórias de Cícero, particularmente no *Pro Murena* e no *Pro Caelio*, esse tipo de construção do caráter fundada na oposição entre o *ethos* que o orador atribui a si e/ou ao seu cliente, e aquele destinado a caracterizar seus oponentes.<sup>10</sup> Portanto, para a construção da *persona* do médico, alvo de todo o discurso vituperioso, segue-se de perto as convenções do gênero e, a partir dos atributos frequentemente aplicados na descrição, sobretudo, do caráter de uma pessoa, Petrarca então desfere seus ataques. O poeta, portanto, sabia muito bem que os recursos adequados para mover favoravelmente o ânimo dos leitores podiam ser efetuados como caráter, a partir da construção retórica que faz de si e do seu adversário.<sup>11</sup> Sabia também que, no âmbito da *vituperatio*, é possível, por meio da cor com que se pinta o oponente, converter virtudes em vícios (o mesmo vale para o elogio, que segue, contudo, o caminho inverso, transformando vícios em virtudes).<sup>12</sup>

Quando cotejadas sobretudo com os modelos adotados, essas invectivas parecem carecer de uma descrição de cena mais decisiva, de recursos de *presentificação* cenográfica que, no caso de oradores como Ésquines, Demóstenes e Cícero, eram perfeitamente adequados ao ambiente de assembleia ou tribunal para o qual elaboravam os seus discursos, e que pressupunha a presença física de um auditório, dos adversários e dos juízes, papel que, numa situação deliberativa, era desempenhado, como se sabe, pelo próprio auditório. Não são, decerto, esses recursos os mais adequados à estratégia de Petrarca, que organiza todo o seu escrito em torno do retrato

aristotélica, defendida pelos seus adversários como a melhor via para a obtenção da verdade. Sobre a *apodeixis* em Aristóteles, cf. Aristotle, *Topica* 1.1.

<sup>9</sup> Como não há registro material das cartas que teriam sido assinadas pelo médico papal, tudo o que podemos saber acerca do adversário de Petrarca nos é apresentado pela construção da personagem que o poeta nos oferece, tanto nas epístolas em que comenta a polêmica quanto nesta obra em que o médico é personagem central. Em outras palavras, conhecemos o médico apenas no seu retrato petrarquista, apenas como personagem destas *Invectivas*.

<sup>10</sup> Cf. Kennedy 1994, 130–7.

<sup>11</sup> Cf. *Rhetorica ad Herennium*, 1.4.8: “Benivolos auditores facere quattuor modis possumus: ab nostra, ab adversariorum nostrorum, ab auditorum persona, et ab rebus ipsis.” (“Podemos tornar benévolos os ouvintes de quatro modos: a partir da nossa pessoa, da dos nossos adversários, da do auditório, e a partir da própria matéria.”). E também *De Inventione* 1.16.22.

<sup>12</sup> Cf. Aristóteles, *Retórica*, 1.1367a28–1367b.

não presencial que pinta do seu adversário. Interessava-lhe, como *officium* do tipo de discurso que escolhera compor, lançar contra o seu oponente o ódio, o desdém e o desprezo, o que levaria o poeta, por oposição, ao êxito discursivo na medida em que, através da desqualificação ética do médico, Petrarca acreditava desacreditar definitivamente também o seu discurso.<sup>13</sup> A esse propósito, então, parecem servir as metáforas animais empregadas ao longo de toda a obra, como procurarei apontar neste artigo.

Assim, lançando mão de uma linguagem crua e violenta, pressuposta tanto pelas convenções dos discursos de vitupério, quanto pelos modelos greco-latinos desse gênero manifestamente invocados pelo poeta, Petrarca não poupa o seu adversário de um ataque pessoal ao compará-lo, por exemplo, a um porco, numa sutil evocação das *Verrinas* de Cícero.

Posto que estas coisas eram, há muito tempo, conhecidas por mim, e que a minha alma, por natureza ávida de tranquilidade, esquiva-se das contendas, eu jamais teria descido espontaneamente a tais baixezas, se este tipo ao qual me dirijo, soberbo, preconcituoso, precipitado, temerário e ignorante (para que eu o descreva a ti, [leitor], com uma breve perífrase), com as insolentes mãos da sua língua – por assim dizer – não me tivesse arrastado, contra a minha vontade, do meu reduto de tranquilo silêncio para este empoeirado e ruidoso campo de insultos, como aquele que se deleita, à maneira dos porcos, com o chafurdar na lama, e a quem, não eu, mas toda a verdade, toda a virtude são ofensivas.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Petrarca, em uma das cartas destinadas a Tommaso Caloiro cujo modelo expresso são as epístolas de Sêneca (sobretudo *Ad Lucilium* 114 e 115), reelabora a tópica da interdependência entre discurso e caráter. Cf. por exemplo, Sêneca, *Ad Lucil.* 114.1–2: “Hoc quod audire vulgo soles, quod apud Graecos in proverbium cessit: talis hominibus fuit oratio qualis vita.” (“O motivo é aquele que costumamos ouvir do vulgo, e que entre os gregos passou a provérbio: para tais homens o discurso foi como a vida.”) E cf. *Ad. Lucil.* 115.2: “Oratio cultus animi est: si circumtonsa est et fucata et manu facta, ostendit illum quoque non esse sincerum et habere aliquid fracti.” (“O discurso é a manifestação da alma: se é limado e ornado por uma mão artificiosa, mostra que a alma não é sincera e tem algo de corrupto.”). Cf. Petrarca, *Fam.* 1.9: “Nec enim parvus aut index animi sermo est aut sermonis moderator est animus. Alter pendet ex altero; ceterum ille latet in pectore, hic exit in publicum; ille comit egressurum et qualem esse vult fingit, hic egrediens qualis ille sit nuntiat; illius paretur arbitrio, huius testimonio creditur; utriusque igitur consulendum est, ut et ille in hunc sobrie severus, et hic in illum veraciter norit esse magnificus; quanquam ubi animo consultum fuerit, neglectus esse sermo non possit, sicut, ex diverso, adesse sermoni dignitas non potest, nisi animo sua maiestas affuerit.” (“E com efeito, o discurso não é um índice insignificante da alma, pelo contrário, a alma é o moderador do discurso. Um depende do outro; além disso, um se esconde no peito, o outro sai a público; aquele acompanha o que sai e finge ser como quer, este, ao sair, anuncia de que tipo é aquele; obedece-se ao arbítrio daquele, crê-se no testemunho deste; é preciso, portanto, ocupar-se de ambos, de modo que tanto aquele seja prudentemente severo em relação a este, quanto este saiba ser verdadeiramente grandioso em relação àquele; posto que, onde houver consulta à alma, não poderá haver negligência do discurso, inversamente, não pode existir dignidade de discurso, a menos que exista antes majestade de alma.”).

<sup>14</sup> Cf. *Invect. contr. med.* 4.263: “Que cum michi iam pridem nota essent, et animus, natura quietis appetens, a contentionibus abhorreret, nunquam sponte fueram ad talia descensus, nisi iste, quem alloquor, superbus, invidus, preceps, temerarius et ignorans (ut brevi eum tibi circumlocutione describam), me nolentem, procacis - ut ita dicam - lingue sue manibus, ad hunc velut pulverem ac strepitentem iurgiorum campum ex arce tranquillii silentii detraxisset, ut quem delectet,

O mesmo recurso é empregado quando Petrarca insinua que seu adversário não passa de um asno saído do livro de Apuleio:

Escrevi algumas coisas, e não cesso nem jamais cessarei enquanto esta mão suportar a pena. Mas, tendo omitido outras, para que não digas novamente que falo sobre a minha própria glória, estou escrevendo agora sobre os homens ilustres. Do valor desta obra eu não ousaria falar: que julguem os futuros leitores. Eu me pronuncio acerca da dimensão: sem dúvida, é uma obra extensa e fruto de muitas vigílias que, se não em virtude do autor, decerto em virtude da matéria exposta, deve ser mencionada. Não se diz nada aí sobre médicos, nem mesmo sobre poetas ou filósofos, mas tão somente sobre aqueles que, por suas excelências bélicas ou por seu enorme empenho em relação à república, floresceram e alcançaram glória notável por seus feitos. Ali, se julgas que um lugar te é devido, dize onde desejas ser incluído: serás atendido. Mas, na verdade, com isso há de se temer que os ilustres de todos os séculos, os quais reuni tanto quanto foi possível a este meu parco engenho, fujam em unísono por causa da tua chegada; e, restando tu aí sozinho, o título do livro precise ser modificado e, ao invés de *Sobre os homens ilustres*, esse deva ser intitulado *Sobre o insigne tolo*. Se quiseres prestar-me ouvidos, deverias dirigir-te antes ao madaurense Apuleio a fim de que tenhas um lugar no livro do asno filosofante (...).<sup>15</sup>

porcorum more, ceno semper immergi, et cui ego nichil, sed omnis veritas, omnis virtus offensa sit.” Aproveito a ocasião para agradecer ao Prof. Sebastião Tavares de Pinho, da Universidade de Coimbra, que, ao ler essa passagem, gentilmente chamou a minha atenção para o sentido do adjetivo *invidus*, derivado do verbo *invidere* (literalmente, *ver contra*; de onde, *ter um olhar predisposto contra algo ou alguém*) e sugeriu que eu substituísse a sua tradução corrente, *invejososo*, pelo adjetivo *preconceituoso*, que se mostraria mais próximo do sentido do verbo. Acato aqui a sua sugestão. O termo, mencionado poucas vezes nas *Invectivas contra um médico*, é, contudo, nuclear na posterior *De sui ipsius et multorum ignorantia*, onde desponta como motivo fundamental da redação da obra. Diante disso, o seu sentido preciso bem como a sua tradução mais adequada parece-me ainda merecer uma investigação mais detida, que pretendo levar a cabo no estudo que preparo atualmente para acompanhar a tradução, ainda em andamento, dessa obra. Sobre a comparação de Verres ao porco, veja-se por exemplo: *In Verrem* 2.21: “Quare appellentur sane ista Verria, quae non ex nomine, sed ex manibus naturaque tua constituta esse videantur.” (“Por isso, com razão aquelas festas foram chamadas “Vérrias”, as quais parecem ter sido designadas não com base no teu nome, mas com base nas tuas maneiras e na tua natureza.”) Cícero faz referência ao trocadilho, recorrente nas Verrinas, entre o nome do pretor da Sicília, Verres, e o substantivo latino *verres*, que significa porco. Cf. Também *In Verrem* 4.95.15: “Numquam tam male est Siculis quin aliquid facete et commode dicant, velut in hac re aiebant in labores Herculis non minus hunc immanissimum verrem quam illum apum Erymanthium referri oportere.” (“Para os Sículos jamais há mal tão grande que não descrevam de modo alegre e agradável, como neste caso; e diziam que este cruelíssimo porco deveria ser referido entre os trabalhos de Hércules, não menos que aquele javali de Erimanto.”) Sobre as metáforas com animais em Cícero, cf. Rocca 2003.

<sup>15</sup> Cf. *Invect. contr. med.* 2.112–18: “Scripsi aliqua, nec desino aut unquam desinam, dum hic digitus calamum feret. Sed - omissis aliis, ne me rursus de me ipso magnifice loqui dicas - scribo de viris illustribus. Quale non ausim dicere: iudicent qui legent. De quantitate pronuntio: haud dubie magnum opus multarumque vigiliarum et, si non ab auctore, certe a subiecta materia nominandum. Nichil ibi de medicis nec de poetis quidem aut philosophis agitur, sed de his tantum qui bellicis virtutibus aut magno reipublice studio floruerunt, et preclarum rerum gestarum gloriam consecuti sunt. Illic si tibi debitum locum putas, dic ubi vis inseri: parebitur; sed verendum est ne quos ex omnibus seculis illustres, quantum hac ingenii paupertate licuit, in unum contraxi, adventu tuo diffugiant, teque ibi solo remanente mutandus libri titulus, neque De viris illustribus,

Além da produção letrada latina, Petrarca buscava nos textos sagrados a confirmação ou a complementação dos sentidos envolvidos nesse largo repertório de imagens bestiais. Como se sabe, já em Virgílio, passando por toda a produção cristã, a serpente é frequentemente empregada como uma metáfora da traição, da desonestidade. Basta lembrar, nesse sentido, de todo o esforço poético de Virgílio, no canto II da *Eneida*, para criar diversas assonâncias e aliterações – sem falar no próprio desenho sintático dos seus versos – visando aproximar a imagem e a atitude dos inimigos gregos àquelas das serpentes que devoraram Laocoon e seus filhos.<sup>16</sup> Corroborando evidentemente esse imaginário a serpente enganadora do *Genesis* (3.4–5) que induz ao que Deus vetou,<sup>17</sup> e que no Novo Testamento é identificada diretamente com Satanás.<sup>18</sup> Com base então na semântica atribuída a esse acervo de imagens, diz Petrarca:

Porém, no que diz respeito ao caráter de que dispões, não quiseste que fosse para mim uma incógnita. Ouvindo-te, portanto, te vejo ávido para morder, mas entorpecido pela ignorância, como uma fria serpente, a peçonha coagulada não podes disseminar, a menos que, enfim, aquecendo-te com o atrito tão terrível das tuas cóleras (ainda que sejas temível não tanto pela mordida quanto pelo sibilo), tu dês o bote em meus calcanhares.<sup>19</sup>

sed De insigni fatuo inscribendum sit. Si audire me velles, petendum potius ab Apuleio madaurensi ut in libro philosophantis asini locum habeas (...)."

<sup>16</sup> Cf. por exemplo *Eneida* 2.203ss: "Ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta / (Horresco referens) immensis orbibus angues / Incumbunt pelago, pariterque ad litora tendunt; / Pectora quorum inter fluctus arrecta iubaeque / Sanguineae superant undas; pars cetera pontum / Pone legit, sinuatque immensa volumine terga. / Fit sonitus spumante salo; iamque arva tenebant. / Ardentesque oculos suffecti sanguine et igni, / Sibila lambebant lingues vibrantibus ora. / *Diffugimus visu exsangues...* ("De Tênedos (refiro horrorizado) / Juntas, direito à praia, eis duas serpes / De espiras cento ao pélagos se deitam: / De fora os peitos e as vermelhas cristas / Entonam; sulca o resto o mar tranqüilo, / E encurva-se engrossando o imenso tergo: / Soa espumoso o páramo salgado. / Já tomam terra, e, em brasa e cruor tintos / Fulmineos olhos, com vibradas línguas / Vinham lambendo as sibilantes bocas. / Tudo exangue se espalha..."). Tradução de Mendes 2008.

<sup>17</sup> Cf. Gênesis 3.3–6: "A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Jahweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: 'Então Deus disse: vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?' A mulher respondeu à serpente: 'Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: dele não comereis, nele não tocáreis, sob pena de morte'. A serpente disse então à mulher: Não, não morreréis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comereis, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.' A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu". (Tradução de Domingos Zamagna, em Bíblia de Jerusalém. Para referência completa, vide bibliografia).

<sup>18</sup> Cf. Apocalipse 20.1-3: "Vi então um anjo descer do céu, trazendo na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Ele agarrou o Dragão, a antiga Serpente – que é o Diabo, Satanás – acorrentou-o por mil anos e o atirou dentro do Abismo, fechando-o e lacrando-o com um selo para que não seduzisse mais as nações até que os mil anos estivessem terminados". (Tradução de Ivo Storniolo. Cf. nota anterior) Ainda sobre isso, cf. Mateus 23.33: "Serpentes! Raça de víboras! Como haveis de escapar ao julgamento da geena?" (Theodoro Henrique Maurer Jr., idem).

<sup>19</sup> Cf. *Invect. contr. med.* 1.141-2: "Quo autem ingenio sis, michi incognitum esse nolui. Audiens, ergo, te video mordendi avidum, sed, ignorantia torpentem argentis more aspidis, coactus virus non posse diffundere, nisi quod in fine, multo irarum attritu terrifico concalescens, neque tamen tam morsu quam sibilo metuendus, in me calcaneo tenus erigeris..."

São ainda os textos sagrados, tradicionalmente costurados às autoridades de Aristóteles, Plínio e Isidoro de Sevilha, que permitem a Petrarca traçar a analogia entre o seu adversário e a malcheirosa poupa, que se alimenta de restos humanos e excrementos:<sup>20</sup>

Toma definitivamente conhecimento do seguinte: tu nem és um filósofo, nem pareces ser. Por conseguinte, implora o auxílio de todos os sofismas e da lógica inteira: para mim, tu te mostrarás antes uma poupa do que um filósofo. Espantas-te, inepto, e questionas: “Mas o quê em mim é semelhante a uma poupa?” Seguramente não há nada mais semelhante. Trata-se de uma ave que tem penacho, de cabeça cristada e que, às crianças, pode parecer algo de valor. Mas, na realidade, é uma ave impuríssima, e de hábito alimentar extremamente asqueroso.<sup>21</sup>

Petrarca mobiliza assim um variado bestiário para reprovar o modo de vida do médico, os seus hábitos e suas práticas, e, desse modo, denegrir a sua imagem. Mas me parece que o símile mais importante de toda a obra desponta já nas linhas iniciais do primeiro livro das invectivas, e a sua construção revela muito da prática cristã, e particularmente daquela petrarquista, de conciliação de escritos greco-latinos e cristãos. Seguindo então a estratégia para vituperar seu adversário, Petrarca o compara agora a um cão. Considero essa comparação significativa porque se trata do único momento em toda a obra em que o poeta faz despontar, em oposição ao cão, um outro animal que representaria alegoricamente o próprio poeta. Em outras palavras, trata-se do único momento da obra em que Petrarca compara a si próprio com um animal. Num esforço manifesto de produzir uma imagem positiva de si em con-

<sup>20</sup> Cf. Levítico, 11. 13-19: “Dentre as aves, tereis por imundas, e não se comerão, pois que são imundas, as seguintes: o abutre, o gipaeto, o xofrango, o milhafre negro, as diferentes espécies de milhafre vermelho, todas as espécies de corvo, o avestruz, a coruja, a gaivota e as diferentes espécies de gavião, o mocho, o alcatraz, o íbis, o grão-duque, o pelicano, o abutre branco, a cegonha e as diferentes espécies de garça, a poupa e o morcego”. (Tradução de Samuel Martins Barbosa. Cf. nota 18) E cf. também Deuteronômio, 14.11-20. Ainda sobre a poupa, cf. Aristoteles Latinus, *Historia animalium* 9.15 e Plínio, *Nat. Hist.* 10.44: “mutat et upupa, ut tradit Aeschylus poeta, obscena alias pastu avis, crista visenda plicatili, contrahens eam subrigensque per longitudinem capitis.” (“Como ensina o poeta Ésquilo, também a obscena poupa, com a sua visível crista flexível que se abaixa e se eriça por toda a extensão da cabeça, transforma em pasto as outras aves.”) Cf. ainda Isidoro de Sevilha, *Etym.* 12.7.66: “Vpupam Graeci appellant eo quod stercora humana consideret, et foetenti pascatur fimo; avis spurcissima, cristis extantibus galeata, semper in sepulcris et humano stercore commorans. Cuius sanguine quisquis se inunxerit, dormitum pergens daemones suffocantes se videbit.” (“Os gregos atribuem à poupa este nome porque ela pousaria sobre os excrementos humanos e alimentar-se-ia de um fedido esterco; é uma ave imundíssima, coberta com proeminentes cristas, que fica sempre nos sepulcros e sobre o excremento humano. Quem quer que se tenha untado com o sangue dela, ver-se-á adormecido perseguindo sufocantes demônios.”).

<sup>21</sup> Cf. *Invect. contr. med.* 2.276-80: “Id scito certissime, nec esse te philosophum, nec videri. Proinde omnium sophismatum et totius logice auxilium implora: michi prius upupam quam philosophum te probabis. Miraris, indocte, et ‘Quid michi’ inquis ‘atque upupe simile est?’ Nil profecto similis. Volucris galeata est, cristatique verticis, et que pueris aliquid videatur; re autem vera impurissima est avis, victusque fedissimi.”



traposição à rebaixada imagem do seu oponente, Petrarca escolhe como seu representante não apenas um animal de nobreza reconhecida, mas aquele que ocupa a primazia na hierarquia dos seres irracionais: o leão.

Quem quer que sejas tu que a ociosa pena e, por assim dizer, o leão adormecido despertaste com importunos latidos, perceberás agora que uma coisa é atacar com pruriente língua a fama alheia, outra é defender a própria com a razão. Iníquo certame – reconheço – instaurou-se entre nós: tenho onde me possas bater, já tu não tens onde eu possa rebater-te. Com efeito, que renome pode ter um artífice mercenário e infame? Pois, de fato, a minha disputa contigo não diz respeito à riqueza ou ao poder, mas tão somente ao renome do qual, ainda que não estejas lembrado, bem sabes estares desprovido e precisado.<sup>22</sup>

Por um lado, a comparação do médico a um cão inoportuno que provoca o leão adormecido é índice seja da diferença de qualidade entre o acusador e o acusado, seja da situação defensiva em que o poeta se coloca, uma vez que ele vem a público, como diz, não para atacar, mas para responder a um ataque prévio que lhe fora desferido injustamente.<sup>23</sup> Por outro lado, tal comparação carrega um conjunto de outros sentidos implicados na construção dessa imagem. Ou seja, sob a alegoria desses símiles vexatórios, Petrarca pressupõe então todo um sistema de sentidos consolidado por um extenso e difundido costume poético, que sempre que possível é entrelaçado, de diferentes modos, a um não menos abundante conjunto de comentários, glosas e exegeses cristãs. Nessa metáfora de abertura da obra, Petrarca recorre, para a representação do médico, a uma imagem do cão como um animal temerário, imprudente, incontinente; trata-se da representação do homem incapaz de refrear seus apetites tão recorrente em Sêneca. Vejamos, a esse respeito, por exemplo, a epístola 8.72 a Lucílio:

Todas essas coisas que o vulgo deseja com avidez, vêm e vão: a fortuna não dá nada com garantia. Mas mesmo esses dons fortuitos deleitam quando a razão os moderou e os permeou: é essa que ainda pode dar valor às coisas externas, cujo uso feito pelos ávidos é ingrato. Átalo costumava lançar mão da seguinte imagem: “viste alguma vez um cão procurando pegar, com a boca aberta, pedaços de pão e carne atirados pelo dono? O que quer que pegue, devora por inteiro no mesmo instante, e tem sempre a boca aberta para esperar o próximo. O mesmo acontece conosco: o que quer que a fortuna lança enquanto esperamos, imediatamente o engolimos sem qualquer prazer,

<sup>22</sup> Cf. *Invect. contr. med.* 1.1–4: “Quisquis es qui iacentem calamum et sopitum – ut ita dixerim – leonem importunis latratibus excitasti, iam senties aliud esse alienam famam prurienti lingua carpere, aliud propriam ratione defendere. Iniquum, fateor, inter nos certamen instituitur: ubi me percutias habeo, ubi te repercutiam non habes. Quod enim nomen habere potest mercennarius et infamis artifex? Profecto autem michi tecum non de opibus aut de imperio, sed de solo nomine pugna est, cuius te egenum atque inopem esse, etsi non admonearis, intelligis.”

<sup>23</sup> Cf. Rawski 1975.

dispostos e paralisados para arrebatados outros”. Isto não acontece com o sábio: ele está saciado; mesmo se recebe algo, pega com tranquilidade e coloca de parte; ele goza de um contentamento máximo, contínuo, seu.<sup>24</sup>

Para a imagem do cão que, ávido, afronta, estúpida e temerariamente, um leão, e que se expressa por meio de mordidas, Petrarca segue, portanto, aplicando os lugares comuns da preceptística ética encontrados, sobretudo, em Cícero e Sêneca. Como lemos na passagem de Sêneca, esse comportamento, tão característico dos cães, é também típico do vulgo, apartado que está da sabedoria. Petrarca então aprendera com Sêneca que erra aquele que não domina, pela razão, os seus apetites, ao permitir que a alma seja escrava do corpo. Já da leitura em chave cristã da ética ciceroniana, tomara a ideia de que pega aquele que não age de forma decorosa, sendo o decoro entendido como o respeito à ordenação divina. Como já havia sido exposto no *De officiis* pelo “iluminado Cícero”, como Petrarca o chamava, o decoro exige que consideremos aquilo que pertence a cada um - engenho, qualidades, fraquezas, aptidões - para que possamos avaliá-lo e moderá-lo. O homem que busca, a partir de suas escolhas e ações, estabelecer-se como virtuoso, deve aplicar-se às atividades em que mostra maior aptidão, e, caso seja impelido a tarefas que não se conformam ao seu engenho, deve fazê-lo do modo mais cuidadoso, ponderado e diligente, para que as realize, se não decorosamente, ao menos de maneira não indecorosa.<sup>25</sup> O médico pintado pelo poeta cedera à temeridade e, afastando-se das atividades que coadunam com as suas aptidões - isto é, cuidar de corpos doentes - não se empenhara em ser cuidadoso, ponderado ou diligente num campo de atuação que não era do seu domínio, a saber, no campo da retórica cristã, remédio das almas doentes. Mas ao contrário, com

<sup>24</sup> Cf. Sêneca, *Ad Lucilium* 8.72.7-9: “Omnia autem quibus vulgus inhiat ultro citroque fluunt: nihil dat fortuna mancipio. Sed haec quoque fortuita tunc delectant cum illa ratio temperavit ac miscuit: haec est quae etiam externa commendat, quorum avidis usus ingratus est. Solebat Attalus hac imagine uti: ‘vidisti aliquando canem missa a domino frustra panis aut carnis aperto ore captantem? Quidquid excepit protinus integrum devorat et semper ad spem venturi hiat. Idem evenit nobis: quidquid expectantibus fortuna proiecit, id sine ulla voluptate demittimus statim, ad rapinam alterius erecti et attoniti’. Hoc sapienti non evenit: plenus est; etiam si quid obvenit, secure excipit ac reponit; laetitia fruitur maxima, continua, sua.” Cf. também *De ira* 3.25.3: “Sic immanis fera ad latratum canum lenta respexit, sic inritus ingenti scopulo fluctus adsultat. Qui non irascitur, inconcussus iniuria perstitit, qui irascitur, motus est.” (“Desta maneira, uma onda vã golpeia um enorme rochedo. Aquele que não se irrita, persiste inabalável às injúrias; aquele que se irrita, é arrebatado.”).

<sup>25</sup> Cf. Cícero, *De officiis* 1.73: “Ad rem gerendam autem qui accedit, caveat, ne id modo consideret, quam illa res honesta sit, sed etiam ut habeat efficiendi facultatem; in quo ipso considerandum est, ne aut temere desperet propter ignaviam aut nimis confidat propter cupiditatem. In omnibus autem negotiis priusquam adgrediare, adhibenda est preparatio diligens.” (“O homem disposto a uma tarefa precisa considerar não apenas se ela é honesta, mas também se está capacitado a executá-la. Não se desencoraje por preguiça nem confie demais por cupidiez, mas, em todos os empreendimentos, prepare-se diligentemente.”) Tradução de Chiappeta 1999, 38.

avidez e intemperança avançara contra o poeta e tentara abocanhar parte dos seus domínios. É importante notar que, para essa caracterização do cão, a Petrarca não interessou recuperar a metáfora ciceroniana encontrada no *De natura deorum* e no *De finibus*, nem tampouco aquela reposta nas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, obras nas quais as *laudes canum* privilegiam um conjunto de traços positivos desse animal, ressaltando a sua lealdade e o seu amor para com o dono.<sup>26</sup> Negligenciando Cícero e Isidoro aqui, Petrarca então privilegia centralmente a imagem do cão tal qual pintada por Sêneca.

As cartas de Sêneca, assim como as orações ciceronianas, foram, como sabemos, um riquíssimo e certo repertório de exemplos e de tópicos comuns aos discursos de acusação e de vitupério, e refiro-me particularmente aqui a esse uso pejorativo de analogias com animais.<sup>27</sup> Outros tantos lhe foram certamente fornecidos por outras tantas obras latinas,<sup>28</sup> ainda que os tratados de fisiognomonía, muito difundidos na Grécia e também na Roma

<sup>26</sup> Cf. Cícero, *De natura deorum* 2.37: “Scite enim Chrysippus, ut clipei causa involucrum vaginam autem gladii, sic praeter mundum cetera omnia aliorum causa esse generata, ut eas fruges atque fructus quos terra gignit animantium causa, animantes autem hominum, ut eum vehendi causa arandi bovem venandi et custodiendi canem; ipse autem homo artus est ad mundum contemplandum et imitandum – nullo modo perfectus sed est quaedam partula perfecti.” (“De fato, diz Crísipo com sabedoria que, assim como o estojo é gerado em vista do escudo e a bainha em vista da espada, do mesmo modo todas as demais coisas exceto o mundo são geradas em vista de outras coisas; como estes grãos e frutos, que a terra produz em vista dos animais, e os animais, contudo, em vista dos homens: o cavalo em vista do transporte, o boi em vista da aragem e o cão em vista da caça e da proteção. O próprio homem, entretanto, nasceu para contemplar e imitar o mundo – não é de modo algum perfeito, mas é, por assim dizer, partícipe da perfeição.”) E ainda *De finibus bonorum et malorum* 2.40. Cf. também Isidoro de Sevilha, *Etymologiae* 12.25–6: “Canis nomen Latinum Graecam etymologiam habere videtur; Graece enim κῶν dicitur. Licet eum quidam a canore latratus appellatum existiment, eo quod insonat; unde et canere. Nihil autem sagacius canibus; plus enim sensus ceteris animalibus habent. Namque soli sua nomina recognoscunt; dominos suos diligunt; dominorum tecta defendunt; pro dominis suis se morti obiciunt; voluntarie cum domino ad praedam currunt; corpus domini sui etiam mortuum non relinquunt. Quorum postremo naturae est extra homines esse non posse. In canibus duo sunt: aut fortitudo, aut velocitas.” (“A palavra latina *canis* parece ter uma etimologia grega; pois na Grécia se diz κῶν. É de fato possível que o nomeiem a partir do som, *canor*, chamado ‘latido’ que ele emite, e daqui também viria *canere*, ‘cantar’. Mas nenhum outro animal é mais sagaz que os cães; com efeito, eles têm mais sentidos do que os outros animais. Pois sozinhos reconhecem seus nomes; amam seus donos; defendem as casas dos donos; pelos seus donos expõem-se à morte; na companhia do dono perseguem voluntariamente a presa; não abandonam nem mesmo o corpo morto do seu dono. Por fim, é da natureza deles não poder existir sem os homens. Nos cães, são duas as virtudes: seja a coragem seja a velocidade.”) Petrarca, que como se verá adiante, faz também largo uso dos bestiários medievais, negligencia nesses as descrições dos cães tomadas, por exemplo, de Isidoro de Sevilha, fazendo uso apenas daquelas coincidentes com as características que são atribuídas ao animal por Sêneca. cf. *The Aberdeen Bestiary*, Folio 19v. (Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/translat/19v.hti>).

<sup>27</sup> Cf. Por exemplo: Cícero, *In Pisonem* 30.73: “Quid nunc te, asine, litteras doceam? Non opus est verbis sed fustibus.” (“O que, ó asno, as letras te podem ensinar agora? A ti não é necessário palavras, mas açoites.”). Para *In Verrem* 2.2.52 e 4.95.15, cf. nota 14.

<sup>28</sup> Sabbadini 1967, 128: “La letteratura medica si arricchì di nuovi trovamenti. La *Physiognomonía* latina si trova trascritta in un codice del sec. XV; così l’*Epistula de observatione ciborum* di Antimo”. Ainda sobre a *Physiognomonía*, Sabbadini nos remete à obra de Förster 1893, *Scriptores physiognomonici greci et latini*. Lipsiae, CXLIX.

de Cícero e Suetônio, não fossem conhecidos na época de Petrarca.<sup>29</sup> Já os padres apologistas haviam feito largo uso de todo o imaginário zoológico encontrado nas letras antigas. Rufino, por exemplo, também chama de cães os seus adversários, partidários de S. Jerônimo.<sup>30</sup> Em contrapartida, na *Apologia adversus libros Rufini*, ele é ostensivamente rebaixado por suas características bestiais e o mesmo animal, que antes lhe servira para agredir um oponente, está agora entre as diversas espécies às quais é pejorativamente comparado durante os ataques que lhe desfere Jerônimo.<sup>31</sup> Petrarca, portanto, alinhando-se aos exemplos pagãos e cristãos do gênero, também lança mão desse animal, para representar o caráter vicioso do seu adversário.

Mas, se o cão representa o caráter vicioso do médico, e se aceitamos, tal como proposto anteriormente, que o caráter virtuoso do poeta é estabelecido em clara oposição àquele do seu adversário, faz-se necessário então investigar também o emprego do leão como representante da *virtus* cristã. Para isso, contudo, não se pode esquecer que, além dos modelos latinos já referidos, o poeta obviamente lança mão de um arsenal que podia ser encontrado nas

<sup>29</sup> Cf. nota acima. Os *Physiognomonika* pseudo-aristotélicos, como se sabe, relacionavam características físicas ou comportamentais de um indivíduo a outros exemplares similares, em geral buscados no mundo animal, pautando-se para isso num princípio de interdependência entre alma e corpo, no qual o corpo é visto como dotado de um conjunto de sinais passíveis de decodificação que corresponderiam, por sua vez, a determinadas disposições de ânimo do indivíduo em questão. (A esse respeito, cf. Aristóteles, *Primeiros Analíticos* 70bss.) Com base nisso, foram criados elencos de afirmações segundo as quais determinadas partes do corpo ou características como estatura, jeito de andar, voz, cor dos olhos, dos cabelos, etc, quando comparadas a características semelhantes em determinados animais, passam a ser interpretadas como sinais da disposição de ânimo, tomadas então como semelhantes em determinado indivíduo e no animal ao qual ele fisicamente se assemelharia. Portanto, assumindo a hipótese de que cada animal tem um caráter e um aspecto distintivo, por um processo de extensão analógica atribui-se à pessoa, que fisicamente apresente traços semelhantes ao do animal, características análogas também no que diz respeito ao caráter e ao comportamento. Cf. Raina 2003, 53–61. De acordo com Raina, o método fisiognomônico fora negligenciado durante todo o período dito medieval, porque se contrapunha à concepção cristã do homem criado à imagem e semelhança de Deus, que tornaria blasfemo o estabelecimento de qualquer relação entre o corpo, e, sobretudo, o rosto humano, e aquele de um animal. Ainda para a fisiognomica “medieval”, cf. Agrimi 1993, 235–71.

<sup>30</sup> Cf. Rufinus, *Apologiae in Sanctum Hieronimum libri duo*, 1.559b–559c: “Hinc emittit incessabiliter canes suos, qui me per urbes, per vicos, per iter quoque transeuntem calumniarum latratibus insectentur, et fanda adversum me omnia, atque infanda temptantur.” (“Daqui ele envia, incessantemente, os seus cães, que me acoçam com os latidos das suas calúnias, enquanto caminho pela estrada, pelos vicos, pelas cidades. E contra mim são lançadas todas as coisas dizíveis e indizíveis.”) Cf. Migne, *PL* 21.

<sup>31</sup> Cf. Hieronimus, *Apologia adversus libros Rufini*, 2.27, 451c: “Haec pace veterum loquor et obtrektoribus meis tantum respondeo, qui canino dente me rodunt, in publico detrahentes, legentes in angulis, iidem et accusatores et defensores, cum in aliis probent quod in me reprobant, quasi virtus et vitium non in rebus sit, sed cum auctore mutetur.” (“Falo estas coisas com a concórdia dos velhos, e somente respondo aos meus difamadores, que me mordem com dente canino, que me detratam em público, que me lêem pelos cantos, ao mesmo tempo acusadores e defensores, visto que aprovam nos outros o que reprovam em mim, como se a virtude e o vício não estivessem nas coisas, mas mudassem com o autor.”) Cf. Migne, *PL* 23.

Sagradas Escrituras, e nesse caso particularmente, também recorre de forma evidente aos chamados *bestiaria*,<sup>32</sup> nos quais o já antigo costume cristão moralizara aquilo que havia encontrado sobre os animais na produção greco-latina. Assim, inegavelmente, também esses bestiários forneceram material abundante para as alegorias petrarquistas e suportam parte significativa dos sentidos suscitados pela imagem do leão no seu discurso contra o médico.

Gênero difundidíssimo no tempo de Petrarca, esses bestiários ou coletâneas de curtas descrições de animais, reais ou imaginários, tinham como principal modelo a obra *Physiologus*, ao qual era acrescido material tomado de outros repertórios. Escrito provavelmente em Alexandria entre os séculos III e IV d.C. e traduzido para o latim entre os séculos VIII e IX, o *Physiologus* já tinha por propósito ensinar o dogma cristão por intermédio das descrições das bestas, acompanhadas de glosas moralizantes. A exemplo dessa obra, os posteriores bestiários, produzidos entre os séculos XII e XIV, igualmente reuniam matéria de origem diversa como os mitos e descrições egípcias, judaicas e indianas, as autoridades gregas e latinas (como Heródoto, Aristóteles, Plínio, Sêneca e Isidoro de Sevilha), a Bíblia e textos da tradição cristã que afirmavam a especularidade entre o mundo de Deus e o mundo natural. A autoridade de Heródoto, Aristóteles ou Plínio, contudo, não visava conferir a essas obras qualquer caráter científico; ao contrário, os bestiários, como já o *Physiologus*, tinham explícitos fins doutrinários, propondo-se manifestamente a ensinar o conhecimento de Deus por meio das coisas criadas. Assim, essas descrições continham um sentido literal (*proprietas* ou *natura*) e as suas glosas ou interpretação teológica eram dotadas do sentido alegórico (*moralitas* ou *figura*). A guisa de exemplo, veja-se o folio 25v do *Aberdeen Bestiary*, escrito e ilustrado em meados de 1200:

Resolvi pintar a pomba, cujas penas são de prata e aquelas posteriores do dorso são no tom amarelo do ouro, e, pela pintura, edificar as mentes dos simples, para que o ânimo do simples possa ao menos distinguir com o olho carnal aquilo que, dificilmente, compreenderia com o olho inteligível, e para que a vista possa perceber aquilo que, dificilmente, o ouvido perceberia.<sup>33</sup>

Já desde o *Physiologus* e em parte significativa dos bestiários elaborados a partir dele, o leão desponta como o primeiro animal a ser glosado, ao qual é então atribuída uma natureza tríplice (*de tribus naturis leonis*):

<sup>32</sup> Ao que tudo indica, o bestiário surgiu, sob a forma que o conhecemos, na Inglaterra no século XII, como uma compilação de diversas fontes, dentre as quais o *Physiologus*.

<sup>33</sup> Cf. *The Aberdeen Bestiary*, folio 25v.: "Columbam cuius penne sunt deargentate et posteriora dorsi eius in pallore auri pingere et per picturam simplicium mentes edificare decrevi, [ut quod simplicium animus intelligibili oculo capere |vix poterat, saltem carnali discernat, et quod vix poterat auditus, |percipiat visus." (Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/translat/25v.hti>).

Com efeito, Jacó, benzendo seu filho Judá, diz: “Meu filho Judá é filhote de leão, quem o acordará?” O Fisiólogo diz que o leão tem três naturezas.<sup>34</sup>

De acordo com a primeira natureza, se o leão, enquanto vagar pela selva, sentir a presença de caçadores, com a cauda apaga as próprias pegadas, a fim de que o caçador não encontre a sua toca. Do mesmo modo Cristo, “*leão da tribo de Judá, filho de Davi*” (Apoc. 5.5), teria escondido as pegadas da sua divindade. A segunda natureza do leão preveria que, enquanto dorme, os seus olhos estão abertos e vigiam. Nos bestiários, às glosas segue a interpretação canônica ou, como se dizia, a *etimologia*, isto é, a explicação do sentido alegórico da passagem. Segundo essa etimologia, o sentido subjacente à chamada segunda natureza do leão é o de que, assim como o leão que vigila enquanto dorme, também a divindade do Senhor vigilava enquanto ele dormia na cruz.

Quando estiver dormindo, seus olhos vigiam, pois estão abertos; do mesmo modo no Cântico dos Cânticos, o esposo testemunha dizendo: “Eu durmo mas meu coração vigila.” Etimologia: Meu Senhor, quando dormia na cruz e quando estava sepulto, a sua divindade vigilava: “Eis que não cochilará nem dormirá aquele que protege Israel.” (Psalm. 120.4)<sup>35</sup>

E por fim, a terceira natureza ensinaria que o filhote de leão nasce morto, e é protegido pela leoa por três dias, até que, no terceiro dia, chega o leão e devolve a vida ao filhote. Nesse ponto, há uma pequena divergência entre a etimologia encontrada no *Physiologus* e aquela recorrente nos bestiários: trata-se do modo como o leão restituiria a vida ao filhote. De acordo com a descrição do *Physiologus*, o leão ressuscitaria a sua cria com um rugido, enquanto nos bestiários, ele o faria de forma mais sutil, com um sopro.

<sup>34</sup> Cf. “De tribus naturis leonis”. In *Bestiario Latino* 1: “Etenim Iacob, benedicens filium suum Iudam, ait: ‘Catulus leonis Iudas filius meus, quis suscitabit eum?’ Fisiologus dicit tres res naturales habere leonem.” (Disponível em: <http://www.irreer.it/bestiario/copertina/mappagen.html>). Cf. “De Leone”. In *Physiologus* 1–24: “Tres leo naturas et tres habet inde figuras/Quas ego Christe tibi bis seno carmine scripsi/Altera divini memorant animalia libri/De quibus apposui, que rursus mystica novi/Temptans diversis si possum scribere metris/Et numerum solidum complent animalia solum/Nam leo stans fortis super alta cacumina montis/Qualicunque via vallis descendit ad ima/Si venatorem per naris sentit odorem/Cauda cuncta linit, quae pes vestigia figit/Quatenus inde suum non posset cernere lustrum/Natus non vigilat dum sol se tercio girat/Sed rugitum dans pater eius resuscitat ipsum/Tunc quasi viviscit et sensus quinque capiscit/Et quotiens dormit nunquam sua lumina claudit/Sic tibi (qui celsi resides in culmine coeli)/Cum libuit tandem terrenam visere partem/Ut genus humanum relevares crimine lapsum/Non penitus notum fuit ulli demoniorum/Viscera Mariae tibi Christe fuere cubile/Et qui to genuit triduum post surgere fecit/Cum mortis vindex mortem crucis ipse subires/In nos custodes qui nullo tempore dormis/Pervigil ut pastor ne demat de grege raptor.”

<sup>35</sup> Cf. “De tribus naturis leonis”. In *Bestiario Latino* 1: “Cum dormierit, oculi eius vigilant, aperti enim sunt; sicut in Canticis Canticorum testatur sponsus dicens: ‘Ego dormio et cor meum vigilat’. Ethimologia: Dominus meus ob dormiens in cruce et sepultus, deitas eius vigilabat: ‘Ecce non dormitabit neque dormiet qui custodit Israel.’ (Psal. 120.4).” (Disponível em: <http://www.irreer.it/bestiario/copertina/mappagen.html>).

O mesmo, dizem os bestiários, teria feito Deus, que no terceiro dia ressuscitou seu filho. É a esta figura que se estaria fazendo referência, por exemplo, no *Genesis*, quando Judá é comparado a um leão.<sup>36</sup>

A terceira natureza do leão é tal que, quando a leoa dá a luz aos seus filhotes, os gera mortos e os protege por três dias, até que, chegando o pai deles no terceiro dia, assopra-lhes a face e lhes dá a vida. Do mesmo modo o pai onipotente, no terceiro dia, ressuscita dos mortos o nosso senhor Jesus Cristo, como disse Jacó: Dormirá como um leão, e como um filhote de leão ressuscitará.<sup>37</sup>

A explicação do sentido místico da passagem não poderia ser mais direta: assim como o leão, Deus também ressuscitou seu filho no terceiro dia. É o leão, portanto, o animal que representa tanto Deus pai quanto o seu filho, ressuscitado para a vida eterna como um filhote de leão. A substituição do rugido mencionado no *Physiologus* pelo sopro dos bestiários é providencial para o polimento dessa alegoria, uma vez que, como nos ensina o *Genesis*, o sopro é um dos instrumentos empregados por Deus para conferir vida às suas criaturas.<sup>38</sup> Os bestiários, contudo, não deixam de mencionar o rugido do leão, mas lhe atribuem outra função: não mais a de trazer à vida os filhotes nascidos mortos, mas sim a de assustar os inimigos, aproximando o seu rugido do Verbo de Deus, da palavra revelada por Cristo.<sup>39</sup> Se o fato de o leão ser o primeiro animal descrito em grande parte dos bestiários é

<sup>36</sup> Cf. *Liber Genesis* 49.9: “catulus leonis Iuda a praeda fili mi ascendisti requiescens accubuisti ut leo et quasi leaena quis suscitabit eum” (“Judá é um filhote de leão; tu, meu filho, te elevaste a partir da presa, descansando, deitaste como um leão e quase como uma leoa: quem o ressuscitará?”). E cf. *Liber Numerorum* 24.9: “accubans dormivit ut leo et quasi leaena quam suscitare nullus audebit qui benedixerit tibi erit ipse benedictus qui maledixerit in maledictione reputabitur” (“deitando-se, dormiu como um leão e quase como uma leoa que nada ousará ressuscitar; aquele que abençoar a ti, será ele mesmo bendito, aquele que amaldiçoar, cairá em maldição”).

<sup>37</sup> Cf. *The Aberdeen Bestiary*, folio 7v: “Tertia natura eius est, cum leena parit catulos|suos generat, eos mortuos, et custodit eos tribus diebus donec|veniens pater eorum tertia die insufflat in faciem eorum et|vivificat eos. Sic omnipotens pater dominum nostrum Iesum Christum, tertia die|suscitavit a mortuis, dicente Iacob: Dormitabit tanquam|leo, et sicut catulus leonis suscitabitur.” (Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/translat/7v.hti>). O *Physiologus* parece ter sido o primeiro a referir o fato de que as crias do leão nasceriam mortas. Essa imagem pode ter uma ascendência distante em Plínio que, citando Aristóteles, reafirma que os filhotes de leão nascem muito pequenos e disformes. Cf. Plínio, *Nat. Hist.*

<sup>38</sup> Cf. *Liber Genesis* 2.7: “formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terrae et inspiravit in faciem eius spiraculum vitae et factus est homo in animam viventem” (“pois o Senhor Deus modelou o homem a partir da lama da terra e expirou na sua face o sopro da vida, e o homem se transformou numa alma vivente”).

<sup>39</sup> Cf. *The Aberdeen Bestiary*, folio 8r: “Que autem ei se cire fere|audeat; cuius voci tantus naturaliter inest terror ut multa animan|tium que per celeritatem possunt evadere eius impetum, rugitus eius|sonitum velud quadam vi attonita atque victa deficiant?” (“Mas que fera ousaria despertar o leão, cuja voz, por natureza, incute tamanho terror que muitos dos animais, que por serem velozes conseguiriam escapar do seu ataque, tombam diante do som do seu rugido, vencidos e imobilizados por tal força?”). (Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/translat/8r.hti>).

um índice da sua suma nobreza, é preciso lembrar que já Isidoro de Sevilha havia lhe atribuído o primeiro lugar na hierarquia dos animais irracionais, sustentando uma etimologia segundo a qual o substantivo grego λέων teria o mesmo sentido do substantivo latino *rex* (rei).<sup>40</sup> Assim, se o leão, o rei dos animais, adquirira com o costume cristão o estatuto de alegoria de Deus e de Cristo, Petrarca não hesita em estender essa alegoria ao pregador cristão, e portanto a si próprio, alinhando-se em última instância a Cristo, aos apóstolos (lembramos que o leão é o símbolo de S. Marcos, por exemplo), aos padres da Igreja (é o leão que, na iconografia, acompanha S. Jerônimo) como verdadeiros guias capazes de conduzir o homem à reta via.

Tendo em mente a organização semântica desses bestiários, retomemos agora a alegoria reservada por Petrarca ao seu adversário, e verifiquemos, por fim, o que é atribuído ao cão nessas obras e se há alguma relação com a caricatura traçada por Sêneca na supracitada epístola 8.72. O bestiário de Aberdeen, por exemplo, em meio a uma longa descrição moralizada do cão, atribui-lhe como traço característico certa cobiça impensada, que aliás também Fedro, em suas fábulas, havia associado à espécie canina.<sup>41</sup>

E quando atravessar um rio, tendo na boca uma carne ou algo semelhante, ao ver a sua própria sombra, abre a boca e, enquanto se apressa em abocanhar outra carne, perde aquela que tem.<sup>42</sup>

Pouco adiante naquele mesmo bestiário, a descrição é, como de costume, seguida da *etimologia*:

<sup>40</sup> Cf. Isidoro de Sevilha, *Etymologies* 12.2.3: “Leonis vocabulum ex Graeca origine inflexum est in Latinum. Graece enim λέων vocatur; et est nomen nothum, quia ex parte corruptum. Leaena vero totum Graecum est, sicut et dracaena. Ut autem leaena lea dicatur usurpatum est a poetis. Leo autem Graece, Latine rex interpretatur, eo quod princeps sit omnium bestiarum. Cuius genus trifarium dicitur.” (“Leão é um vocábulo de origem grega vertido para o latim. Com efeito, em grego se diz λέων; e é um termo ilegítimo pois parcialmente corrupto. Já ‘leoa’ é inteiramente grego, assim como ‘dragão fêmea’. É um costume, contudo, que *leaena* (leoa) seja chamada *lea* pelos poetas. Mas *leo* (leão) em grego é vertido como *rex* (rei) em latim, porque ele seria o primeiro de todas as bestas. Afirma-se que o seu gênero é tríplice.)

<sup>41</sup> Cf. Fedro, *Fabulae* 1.4 (Canis per fluvium carnem ferens): “Amittit merito proprium qui alienum appetit. Canis, per fluvium carnem cum ferret, natans lympharum in speculo vidit simulacrum suum, aliamque praedam ab altero ferri putans eripere voluit; verum decepta aviditas et quem tenebat ore dimisit cibum, nec quem petebat potuit adeo adtingere.” (“Aquele que cobiça o alheio, por merecimento, perde o próprio. O cão, quando carrega um pedaço de carne pelo rio, enquanto nada, vê a sua imagem no espelho d’água, e pensando que outra presa é carregada por outro cão, quer apanhá-la; mas a avidez é frustrada: perde o alimento que tinha na boca, e ainda por cima, não pode alcançar o que cobiçava.”)

<sup>42</sup> Cf. *The Aberdeen Bestiary*, folio 19v.: “Cumque fluvium transnaverit car[n]em vel aliquid tale in ore tenens, cum viderit umbram [os suum aperit, atque dum properat aliam carnem sumere, ipsam [quam tenet amittit.” (Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/translat/19v.hti>).



O fato de que ele abandona a carne no rio por causa da cobiçada sombra, simboliza os homens estultos que, com frequência, abandonam aquilo que, por direito, lhes pertence, por causa da ambição por uma coisa desconhecida. Consequentemente, enquanto não conseguem alcançar aquilo que desejam, em vão tomam conhecimento de que perdem aquilo que abandonam.<sup>43</sup>

Era, certamente, nesse registro alegórico-moralizante dos bestiários que Petrarca entendia também a passagem senequiana: como um cão ávido pela próxima carne, absolutamente incapaz de dominar os seus apetites, o médico mergulha nos estudos da lógica aristotélica, e, ao vislumbrar uma sombra de Verdade, põe a perder aquilo que lhe pertence enquanto criatura, desconsiderando a única verdade, aquela revelada nas Escrituras. Sob outro ponto de vista, ao mergulhar nos domínios retóricos, e tentar abocanhar a sombra de um orador que se lhe apresenta, o médico perde aquilo que por direito lhe pertence, a medicina. De acordo com Petrarca, a atitude canina do seu adversário o teria levado a agir de forma tão temerária e estúpida a ponto de abandonar os limites do seu conhecimento, e invadir os domínios alheios que lhe eram desconhecidos.<sup>44</sup> Ao fazê-lo, teria escancarado as teses heréticas que defendia. E nesse ponto é preciso recordar que, ao longo de todos os quatro livros dessas invectivas, Petrarca coloca na boca do seu adversário algumas das teses condenadas havia pouco menos de um século pela Comissão formada pelo Bispo de Paris, Étienne Tempier. Apenas para recordarmos brevemente o evento a que me refiro, em 1270, o bispo Tempier

<sup>43</sup> Cf. *ibid.*, folii 19v et 20r: “Quod carnem | in flumine propter concupitam umbram relinquit, significat | stultos homines propter ambitionem ignote rei, id sepe quod proprii | iuris est relinquere. Unde fit, ut dum non valent adipisci id | quod cupiunt, perdere frustra norunt id quod reliquerunt.” (Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/translat/19v.hti>; <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/translat/20r.hti>).

<sup>44</sup> Para essa mesma tópica argumentativa, cf. por exemplo Hieronimus, *Apologia adversus libros Rufini* 1.17: “Illud miror quod, Aristarchus nostri temporis, puerilia ista nescieris, quamquam tu, occupatus in sensibus, et ad struendam mihi calumniam cernulus, grammaticorum et oratorum praecepta contempseris, paruipendens ὑπέρβητα post anfractus reddere, asperitatem vitare consonantium, hiulcam fugere dictionem.” (“O que me admira é que tu, Aristarco dos nossos dias, tenhas ignorado estas puerilidades, uma vez que, ocupado com as coisas sensíveis e inclinado a tramar uma calúnia contra mim, tenhas desprezado os preceitos dos gramáticos e dos oradores, fazendo pouco caso de explicar os hipérbatos depois das circunlocuções, de evitar a aspereza das consonantes, fugir dos hiatos.”). Cf. Migne, *PL* 23. Cf. também *Apologia adversus libros Rufini* 1.30: “Denique et ego scripta tua relegens, quamquam interdum non intellegam quid loquaris et Heraclitum me legere putem, tamen non doleo nec me paenitet tarditatis: id enim in legendo patior quod tu pateris in scribendo.” (“E finalmente eu, relendo teus escritos, ainda que, por vezes, eu não entenda o que dizes e pense que estou lendo Heráclito, não me aflijo nem me arrependo da minha lentidão: com efeito, isto que padeço lendo, tu padeces escrevendo.”). E, ainda, 2.10: “Scio inter christianos verborum vitia non solere reprehendi, sed ex paucis ostendere volui cuius temeritatis sit docere quod nescias, scribere quod ignores, ut similem prudentiam et in sensibus requiramus.” (“Sei que não é costume, entre cristãos, repreender os vícios de palavras, mas eu quis mostrar, a partir de poucos exemplos, quão temerário é ensinar aquilo que não sabes, escrever aquilo que ignoras, para que busquemos uma prudência semelhante também no que concerne aos sentidos.”)

fez a sua primeira interferência censória em nome do dogma e da prudência doutrinal. A ação foi considerada necessária pela ortodoxia católica que, incomodada com a crescente influência de algumas teses de ascendência aristotélica e averroísta, condena por heresia 15 proposições, dentre as quais figuravam a tese aristotélica da eternidade do mundo e a proposição averroísta da unidade do intelecto, ambas colocadas por Petrarca na boca da personagem do médico.<sup>45</sup> Sete anos mais tarde, o bispo reúne uma comissão formada por 16 teólogos, que resulta na condenação de outras 219 proposições; o decreto, conhecido como Sílabo de Tempier, teve, como se sabe, grande difusão e seus ecos se fazem sentir por todo o século XIV.

Ao caracterizar seu anônimo adversário como um cão que abocanhara crenças falsas e transitórias com a certeza de quem tomava o caminho da salvação, e que com a vista ofuscada por um falso conhecimento tomara o caminho errado, na ilusão de ter assim conseguido alcançar a felicidade, Petrarca não apenas aparta o médico do grande grupo dos verdadeiros médicos capazes de curar a alma, como também o insere no grupo dos hereges, dos inimigos da palavra de Deus. Inversamente, o poeta, comparando-se ao leão, alinha-se a todo um conjunto de guias espirituais que teria em Sócrates, Platão, Cícero e Sêneca, entre os ditos pagãos, os seus primeiros representantes, vistos por Petrarca como protocristãos, e que teria encontrado consonância, na sua prática efetiva de discursos e ações, naquele que era o maior modelo de virtude, Cristo, e também nos padres da Igreja e no próprio Petrarca. Na perspectiva petrarquista, portanto, há uma unidade ou conciliação moral entre os que ele definia como filósofos morais não cristãos e os oradores e teólogos cristãos, na medida em que todos partilhariam de uma mesma perspectiva da prática da ação virtuosa, de modo que o conhecimento encontrado naqueles é considerado propedêutico ao homem cristão. Assim, todas as metáforas animais empregadas, como vimos, tão carregadas de sentido, estão longe de ser apenas “ornato retórico”. Parecem-me antes ter a função de agregar sentidos subjacentes a toda uma

<sup>45</sup> Cf. Gilson 2001, 693–4: “O primeiro escândalo produziu-se em 10 de dezembro de 1270, quando o bispo de Paris, Étienne Tempier, condenou quinze teses, treze das quais eram de inspiração averroísta. Unidade do intelecto agente (‘quod intellectus omnium hominum est unus et idem numero’), negação do livre-arbítrio (‘quod voluntas hominis ex necessitate vult et eligit’), determinismo astrológico, eternidade do mundo (‘quod mundus est aeternus, quod nunquam fuit primus homo’), mortalidade da alma, negação de que a providência divina se estenda aos indivíduos e aos atos humanos – eram esses os principais pontos censurados. Notar-se-á que a condenação visava antes um movimento doutrinal do que um indivíduo, não podendo o mesmo mestre sustentar ao mesmo tempo que a alma se corrompe com o corpo e que a alma separada do corpo não pode sofrer o fogo corporal. Foi por ocasião desta condenação que, consultado sobre esses artigos por Gilles de Lessines, Alberto Magno escreveu seu *De quindecim problematibus*. Esse ato doutrinal não impediu que o movimento se propagasse, pela simples razão de que os que ensinavam essas proposições garantiam ensiná-las apenas como filósofos e também declará-las falsas como cristãos.”

argumentação expressa contra aquilo que Petrarca via ser proposto como uma nova *sapientia* nos centros escolásticos do seu tempo.

A alegoria inicial do cão e do leão, contudo, parece-me ainda desempenhar uma outra função: o intrigante lugar de destaque, na abertura da obra, para a única metáfora em que também o poeta se compara a um animal, o leão, e sua íntima relação com as descrições e glosas dos bestiários, nos leva a pensar se Petrarca não estaria, à maneira de um prólogo programático, fornecendo a chave de leitura já nas primeiras linhas da sua obra. A primeira palavra das invectivas, o pronome *quisquis* (quem quer que...), remete-nos, ainda que à distância, à passagem de um sermão que, ausente do *Physiologus*, consta dos bestiários. Essa passagem, que veremos a seguir, aparece nos referidos bestiários justamente na parte dedicada à explicação da alegoria do cão, e começa com a formulação *quocienscumque peccator* (quando quer que um pecador / sempre que um pecador).

Quando quer que um pecador deseje agradar seu criador, é necessário e vantajoso a ele que busque três guias espirituais que guiarão três enviados espirituais com três dons espirituais, para que ele se reconcilie com o seu criador. Esses guias e enviados com seus dons espirituais são assim dispostos: o primeiro enviado é o pranto do coração, o segundo é a verdadeira confissão, e o terceiro a verdadeira penitência. São guias deles o amor do senhor, a boa vontade e a ação correta. Os dons espirituais são a purificação do corpo e da alma, a pureza de discurso, a perseverança da boa ação. Esses enviados e os guias com seus dons espirituais assim procedem diante da trindade: Diante de Deus Pai, o pranto juntamente com o amor de Deus procede carregando a purificação do corpo e da alma; diante do Deus Filho, se apresenta a verdadeira confissão junto com a boa vontade carregando o discurso puro; e diante do espírito santo, a verdadeira penitência junto com a ação correta levando a perseverança na boa ação. Assim como são necessários determinados medicamentos para que um corpo débil cure a sua enfermidade, do mesmo modo, também é necessário medicamento para curar a sua corrupção espiritual. E este remédio para a alma é feito com quatro ingredientes: o pranto de coração, a verdadeira confissão, a verdadeira penitência e a ação correta; é assim adequado para curar as enfermidades das almas, porque quando é unvida por este medicamento, imediatamente se cura das suas enfermidades.<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Cf. *The Aberdeen Bestiary*, folio 20r.: “Quocienscumque peccator vult factorem suum placere| necessarium est ei et utile, ut tres spirituales conductores querat, |qui tres spirituales legatos cum| tribus donis spiritualibus ad recon|ciliationem sui coram factore conducant. Qui conductores|et legati cum suis donis spiritualibus ita disponuntur. Primus|legatus est cordis ploratus, secundus| vera confessio, tertius vera penitentia.|Conductores eorum sunt, amor domini, bona voluntas, rectum opus.|Dona spiritualia sunt mundicia corporis et anime, oratio pura,|boni operis perseverantia, |qui legati et conductores cum spiritualibus|donis sic coram tri|nitate procedunt. Coram deo patre procedit| |ploratus cum amore d|ei defferens mundiciam corporis et anime.}|Co-|ram filio vera co|nfessio cum voluntate bona puram orati|onem deferens. Coram spiritu sancto|peni tencia vera cum recto| opere perseverantiam bo|ni operis portans. Sint corpori debili|tato|necessarie sunt pociones ad sanandas illius infirmita|tes, ita anime peccati|rici, necessaria est po-|cio, per quam sanetur| spiritualis eius corruptio, fit autem pocio anime ex quatuor speciebus|id

Sendo verossímil a possibilidade dessa remissão, uma vez que Petrarca, como vimos, pressupõe as explicações das alegorias encontradas nos bestiários na elaboração de suas metáforas animais, também ela parece depor favoravelmente à hipótese interpretativa aqui apresentada. Por um lado, Petrarca filiaría estas invectivas às obras preceptísticas cristãs, evidenciando assim a sua particular função de verdadeiro remédio destinado à cura e à salvação das almas enfermas. Por outro lado, ao indicar toda a relação entre os recursos empregados para deslegitimar o caráter (e o discurso) do seu adversário e os bestiários medievais que lhe agregam significação, Petrarca recusaria ao seu adversário não apenas o título de *sapiens*, mas também o de *médico*. Enquanto orador cristão, emissário da palavra de Cristo, Petrarca então arrogaria para si a função de verdadeiro médico, a saber, o médico da alma. E, invertendo completamente os papéis, o poeta, por fim, atribuiria ao seu herético oponente o lugar que esse parece ter reivindicado em suas obras (*Invectivas*, 2.112–8), e esse lugar não era decerto entre os homens ilustres, mas sim entre as bestas, que lhe seriam mais semelhantes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agrimi, J. 1993. "Fisiognomica e 'Scolastica'". In *Micrologus*. Turnholt: Brepols.
- André, J., trad. *Isidorus Hispalensis: Etymologiae XII*. Paris: Les Belles Lettres.
- Atkins, E. M. & Griffin, M. T., ed. 1991. *Cicero: On duties*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Barney, S. A. et al., ed. 2010. *The Etymologies of Isidore of Seville*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bausi, F., ed. 2005. *Invective contra medicum*. Firenze: Casa Editrice Le Lettere.
- Bausi, F. 2006. "Medicina e Filosofia nelle *Invective contra medicum*. (Petrarca, l'Averroismo, l'Eternità del Mondo)". In *Petrarca e la Medicina*, ed. M. Berté, V. Fera, T. P. Marangon. Messina: Centro Interdipartimentale di Studi Umanistici.
- Bausi, F. 2008. *Petrarca antimoderno: Studi sulle invettive e sulle polemiche petrarchesche*. Firenze: Franco Cesati Editore.
- Butler, H. E. 1980. *Quintilian: Institutio Oratoria: Books I-III*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Calboli, G., ed. 1993. *Rhetorica ad C. Herennium*. Bologna: Pàtron Editore.
- Chiappeta, A. 1999. *Cícero: Dos deveres*. São Paulo: Martins Fontes.
- Fenzi, E., ed. 1999. *De ignorantia: della mia ignoranza e di quella di molti altri*. Milano: Mursia.
- Forster, E. S. *Aristotle: Topica*. In *Aristotle: Posterior Analytics. Topica*, trans. Hugh Tredennick and E. S. Forster. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

est cordis ploratus, vera confessione, penitencia vera, operati]one recta. Que ita co[m]petens est ad sanandas illius infirmi]tates, quod dum ab ea anima inungitur, statim a suis infr]mitatibus sanatur." (Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/translat/20r.hti>).

- Garin, E. 1960. "La cultura fiorentina nella seconda metà del 300 e i 'barbari britanni'". In *La Rassegna della Letteratura Italiana. Anno 64, Serie VII*, 181-195. Firenze: Sansoni-Firenze.
- Gauld, M.; McLaren, C.). *The Aberdeen Bestiary*. University of Aberdeen, King's College. (Disponível em: <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/index.hti>).
- Gilson, E. 2001. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes.
- Greco, M. 1998. *Cicerone: De inventione*. Lecce: Mario Congedo Editore.
- Green, R. P. H., ed. 1995. *De Doctrina Christiana*. Oxford: Clarendon Press.
- Greenwood, L. H. G. 1931. *Cicero: The verrine orations*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Gryson, R., ed. 2007. *Biblia Sacra Vulgata. Editio quinta*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft.
- Gummere, R. M. 1961. *Seneca: Ad Lucilium epistolae morales*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Hubbell, H. M. 1967. *Cicero: De inventione. De optimo genere oratorum. Topica*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Kennedy, G. A. 1994. *A new history of classical rhetoric*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Kennedy, G. A. 1999. *Classical rhetoric and its Christian and secular tradition from ancient to modern Times*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- Kennedy, G. A. 2007. *Aristotle: On rhetoric, a theory of civic discourse*. New York: Oxford University Press.
- Macdonald, C. 1976. *Cicero: In Catilinam 1-4; Pro Murena; Pro Sulla; Pro Flacco*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Marsh, D., ed. 2003. *Invectives*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Mendes, M. O. 2008. *Eneida brasileira, ou Tradução poética da epopéia de Públio Virgílio Maro*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Merrill, N. W. 1975. *Cicero and early roman invective*. Ann Arbor, Michigan: UMI.
- Miller, W. 1913. *Cicero: De Officiis*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Migne, J. P. 1951-1974. *Patrologiae cursus completus series Latina*. Paris: Éditions Garnier Frères.
- Migne, J. P. 1993-1996. *Patrologia Latina database*. Alexandrie: Chadwyck-Healey. (edição em cd-rom).
- Mueller, L., ed. 1876. *Phaedrus: Fabulae Aesopiae*. Leipzig: B. G. Teubner.
- Rackham, H. 1967. *Cicero: De finibus bonorum et malorum*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Rackham, H. 1967. *Cicero: De natura deorum; Academica*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Rackham, H. *Pliny: Natural History. Libri VIII-XI*. With an english translation in ten volumes. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Raina, G. 2003. "I biondi sono coraggiosi: si vedano i leoni" (Ps. Arist. *Physiogn.* 812a 16)". In *Buoni per pensare: gli animali nel pensiero e nella letteratura dell'antichità*, 53-61. Pavia.
- Rawski, C. H. 1975. "Notes on the rhetoric in Petrarch's *Invective contra Medicum*." In *North Carolina Studies in the Romance Languages and Literatures, Symposia 3*, 249-277. Chapel Hill: University of North Carolina.

- Rocca, S. 2003. *Animali (E Uomini) in Cicerone (De nat. deor. 2. 121-161)*. Genova: Compagnia dei Librai.
- Rossi, V., ed. 1933-42. *Le Familiari*. Firenze: Sansoni, 4 v.
- Sabbadini, R. 1967. *Le scoperte dei codici latini e greci nei secoli XIV e XV*. Firenze: Sansoni.
- Schneider, B., ed. 1978. *Aristoteles Latinus: Rhetorica; translatio anonyma sive vetus et translatio Guillemi de Moerbeka*. Leiden: Brill.
- Simonetti, M., ed. 1999. *Scritti Apologetici*. Roma: Città Nuova Editrice.
- Tredennick, H. *Aristotle: Prior Analytics*. In *Aristotle: The Categories on Interpretation. Prior Analytics*, trans. H. P. Cooke; H. Tredennick. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Vários. 2002. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus.
- Veneziano, S., coord. 1998-1999. *Bestiario latino*. Albert Sabin di Bologna. (Disponível em: <http://www.irreer.it/bestiario/copertina/mappagen.html>)
- Watts, N. H. 1931. *Cicero: Pro Milone; In Pisonem; Pro Scauro; Pro Fonteio; Pro Rabirio Postumo; Pro Marcello; Pro Ligario; Pro Rege Deiotaro*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.



*Abstract.* Petrarch often employs a wide range of animal metaphors aiming to denigrate his opponent throughout the four books of his *Invective contra medicum*. The work was written between 1352 and 1355 and is addressed to an anonymous physician of the ailing Pope Clement VI. According to the poet, it consists in a response to a violent attack made by that physician who apparently has felt offended by some statements written by Petrarch in a brief epistle sent to the Pope. By criticizing dialectic these invectives offers a straightforward attack against the “mechanical” art of medicine that discloses a broader battle waged against a large number of intellectuals gathered by the poet in the group of *magistri artium* from the most renowned scholastic centers at that time. The violent and harsh language of these invectives is proper to the conventions of this genre and based on the Latin and Christian models overtly referred by Petrarch. In the condemnation of his opponent Petrarch compares him to a greedy dog incapable of controlling its appetites exactly as mentioned by Seneca in a letter to Lucilius. He also evokes Cicero's *Verrinas* when describing the physician as a hog, and Apuleio's book when representing him as a donkey. Even the Scriptures provide him with a wide repertoire of bestial images, such as the treacherous and poisonous snake or the smelly hoopoe that feeds on excrements and graves. In doing so Petrarch manages a wide bestiary in order to reprove the physician's lifestyle, habits and practices, and to denigrate his image as a whole. Conversely the poet compares himself to the noblest animal, i.e. the lion, an obvious effort to produce a positive image of the speaker in contrast with the base one of the physician. Under the allegory of these vexatious similes Petrarch relies on a whole system of meanings that has been consolidated by an extensive and widespread poetic custom and crystallized by a rich set of commentaries and exegeses. This paper intends therefore to pursue these vituperative comparisons and to explore the significance of these metaphors for the praxis of the Petrarchist discourse and, especially, for the argumentation of these invectives against Pope's physician.

*Keywords.* Petrarch, invectives, metaphors, bestiary, vituperative rhetoric.